

ONZE SINAIS
EM JOGO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Lou-Ann Kleppa

ONZE SINAIS
EM JOGO

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: : Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

K678o Kleppa, Lou-Ann.
Onze sinais em jogo / Lou-Ann Kleppa. – Campinas, SP:
Unicamp, 2019.

1. Pontuação. 2. Oralidade e escrita. 3. Linguística. I. Título.

CDD - 411
- 372.623
- 410

ISBN 978-85-268-1505-6

Copyright © by Lou-Ann Kleppa
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação	11
Separar e delimitar	
Alínea	26
Ponto	32
Ponto e vírgula.....	36
Vírgula.....	38
Dois-pontos	50
Parênteses.....	54
Marcar posturas discursivas	
Ponto de interrogação	62
Ponto de exclamação	66
Reticências	68
Marcar as vozes do texto	
Aspas	72
Travessão.....	76
Epílogo	79
Indicações de leitura	83

PREFÁCIO

Esses humildes sinais gráficos que chamamos de “pontuação”, às vezes pouco usados, às vezes exageradamente usados, via de regra alvo de críticas por supostos bons conhecedores de seus meandros e intimidades, quase sempre ficam à margem de estudos linguísticos mais aprofundados. Como quase tudo o que trata de língua, infelizmente, acabam por transitar somente pelo pobre terreno do certo ou do errado – mas eles são muito mais do que isso, como sabe (talvez mesmo sem saber que sabe) qualquer um que os utiliza.

Assim como são ricas as nuances de significado trazidas pelos sinais de pontuação, também são ricas as maneiras de falar sobre eles – vários universos são expostos quando saímos do certo *versus* o errado! No livro que o leitor tem em mãos, o

tesouro que a pontuação guarda, num intrigante jogo metalinguístico, é usado justamente para exemplificar algumas de suas joias. Você, leitor, não verá aqui uma argumentação baseada em autoridade para saber para que serve um ponto-final, mas verá sim como a vírgula se diz inocente, diante do delegado que a acusa de assassinar pessoas ao deixá-las sem fôlego, e vai suspirar ao saber mais sobre as exclamações. Você sentirá a importância, quase despercebida por ser tão comum, do espaço em branco, e verá também como os parênteses cadenciam a informação do texto, e como as aspas dizem de quem é a voz da vez.

Neste livro, os sinais de pontuação falam, se expressam, e suas funções se exemplificam sem precisarmos do esforço, muitas vezes artificial, de ler um manual impessoal. A maneira pouco ortodoxa, segundo o viés acadêmico, que Lou-Ann Kleppa usa neste livro para fazer os sinais de pontuação serem a atração principal é um verdadeiro presente ao leitor, que certamente nunca mais verá a pontuação com os mesmos olhos. Os recursos gráficos e narrativos, as brincadeiras e a estrutura do livro tornam a leitura tão agradável que, muitas vezes, somente algum tempo depois de lermos um dado trecho nos damos conta da profundidade deles e do quanto aprendemos. Não é nada fácil fazer isso, e este livro o faz com maestria!

Este livro é para quem tem curiosidade sobre a pontuação do português brasileiro e quer saber mais sobre a função desses sinais a partir de seu funcionamento. É também para quem se interessa pela língua escrita, por descrição linguística, e para quem se pergunta sobre a organização de um texto, pois são vários os tópicos que podem ser abordados a partir da pontuação.

Convido você a embarcar logo nessas narrativas e refletir sobre o que lê, e que possa ver os sinais de pontuação e a língua que você escreve (e fala!) de um outro jeito, mais rico e mais divertido!

Renato Miguel Basso

APRESENTAÇÃO

A ideia deste livro serviu durante anos de motivação aos meus alunos de língua portuguesa (ou outro nome compatível que dão à disciplina em outros cursos de graduação) para escreverem seu trabalho final. Na esperança de que eles desenvolvessem intimidade com os sinais de pontuação e os usassem de maneira variada, eu sorteava os 11 sinais de pontuação apresentados aqui e pedia a cada dupla ou grupo que escrevesse um texto que desse relevo ao sinal sorteado. Podiam transformar o sinal num personagem, podiam escrever um texto em que o sinal sorteado tivesse destaque – tanto pelo excesso como pelo uso incomum –, podiam escrever poesia, até mesmo desenhar. Para motivá-los a cumprir a tarefa, adotei a explicação de que pretendia compor um livro em que cada capítulo fosse sobre um dos sinais.

No fim, a sugestão que eu apresentei a eles me deu uma ideia. Foram os textos dos meus alunos que me serviram de maior inspiração para escrever este livro de sinais de pontuação. Não se trata, portanto, de um manual. O intento passa longe da prescrição e da norma, trilha mais perto do exemplo, da brincadeira educativa, da história que didaticamente mostra o funcionamento de cada um destes 11 sinais:

. ; , : () ? ! ... “ ” –

- O espaço em branco antes do parágrafo começar. (1)
- . Um ponto na linha. (2)
- ; Ponto em cima de um pequeno traço curvo embaixo do ponto. (3)
- , Pequena vara que passou a ser chamada de vírgula. (4)
- : Dois pontos na vertical. (5)
- () Dois traços verticais longos de pontas curvas que se abraçam. (6)
- ? Traço curvo vertical derivado da letra q em cima de um ponto. (7)
- ! Traço reto vertical longo em cima de um ponto. (8)
- ... Três pontos na horizontal. (9)
- “ ” Duas vírgulas seguidas invertidas no alto da linha. (10)
- Traço reto horizontal maior que o hífen no meio da linha. (11)

O inventário de formas básicas é pequeno e os sinais de pontuação têm quase as mesmas funções através das línguas que os usam. Algumas exceções são, por exemplo:

- (i) em espanhol, tanto o sinal de interrogação invertido como o sinal de exclamação invertido figuram no início da pergunta/exclamação;
- (ii) em línguas em que se escreve da direita para a esquerda, o sinal de interrogação é espelhado;
- (iii) a escolha do sinal que se usa para marcar diálogos varia de língua para língua: se travessão ou aspas – e como são essas aspas, se abrem embaixo ou em cima, se são vírgulas ou traços ou ainda pontas de flecha. Há ainda casos de autores que marcam diálogos com outros recursos, como itálico ou novo parágrafo;
- (iv) a vírgula é o sinal que assume a maior paleta de funções – sendo que algumas unidades linguísticas ou processos sintáticos que a vírgula marca, delimita ou separa são específicos de certas línguas. Em línguas em que a ordem das palavras não é fixa, a vírgula é menos abundante que em português, por exemplo.

Afora essas (e talvez outras) exceções, a forma e o funcionamento dos sinais de pontuação são

relativamente universais. Alguns nomes dos sinais de pontuação apenas descrevem sua forma (ponto, ponto e vírgula, vírgula – do latim: varinha – e travessão), outros dão *insights* sobre sua função (ponto de interrogação para perguntas, ponto de exclamação para exclamações e reticências para marcar a incompletude, a indefinição). Uma breve excursão para outras línguas ajuda a definir a função de outros sinais: em inglês, reticências são chamadas de *ellipsis*; a relação entre dois-pontos e ponto e vírgula é mais evidente (*colon* e *semicolon*): ambos anunciam uma nova parte, um novo membro (em grego, *kôlon* significa membro, porção); a função de apresentar as palavras de outra pessoa está no nome das aspas: *quotation marks*, marcas de citação. O termo parênteses vem do grego *paréntesis* e significa intercalar. Em alemão, os parênteses são *Klammern*, palavra que também serve para designar prendedores de roupa – ou grampos (tanto o grampinho do cabelo como os grampos do grampeador). Os parênteses prendem unidades textuais no seu interior. O travessão em alemão é *Gedankenstrich*: traço de pensamento.

Os 11 sinais apresentados aqui em diversos gêneros textuais não são todos os sinais de pontuação apresentados em manuais e gramáticas, mas todos internos ao texto, incidindo sobre a sentença e o texto. Em alemão, são *Satzzeichen*: sinais de frase. Não estão contemplados aqui os sinais que incidem

sobre a palavra nem sobre a diagramação do texto. Sinais como hífen, barra e apóstrofe têm a função de ligar palavras (ou partes delas), enquanto o ponto abreviativo marca palavras. São sinais que recaem sobre a palavra de acordo com regras ortográficas, não de organização textual. No outro extremo, para além do texto, estão os sinais de diagramação, como, por exemplo, o branco entre um capítulo e outro ou marcadores de notas de rodapé (ou fim), como o asterisco,* que guiam o leitor para fora do fluxo textual. Os sinais de pontuação apresentados aqui são todos autônomos, ou seja, não precisam do suporte alfabético para serem realizados. Assim, Maiúsculas, MAIÚSCULAS CONTÍNUAS, **negrito**, *itálico* ou sublinhado não estão contemplados aqui. Por fim, as variantes dos parênteses – colchetes e chaves –, muito usadas em notações matemáticas, mas pouco comuns em textos escritos com palavras, também estão fora do escopo deste livro.

Outra diferença entre este livro e os manuais e gramáticas que tratam de sinais de pontuação é a

* Asteriscos podem apresentar usos variados: ora hierarquizam o texto, como fariam os parênteses – mas guiando para fora dele, no pé da página ou fim do texto; ora têm usos peculiares em certas disciplinas da linguística: em linguística histórica, convencionou-se marcar com o asterisco as reconstruções de formas não atestadas, ao passo que em sintaxe convencionou-se marcar com asterisco as sentenças agramaticais.

não vinculação dos sinais de pontuação (sinais gráficos distribuídos no espaço, portanto visíveis) à oralidade (sinais sonoros alinhados no tempo, portanto audíveis). Em geral, os gramáticos e autores de manuais não reconhecem a autonomia da escrita em relação à oralidade e relacionam as funções dos sinais de pontuação à reconstrução da oralidade, ou seja, concebem os sinais de pontuação como representantes de pausas e melodias. De fato, os sinais de pontuação surgiram no teatro grego, para orientar os atores sobre como enunciar o texto, onde pausar etc. Já no teatro moderno, na peça *Sonho de uma noite de verão*, Shakespeare brinca metalinguisticamente com os sinais de pontuação: no ato V, cena I, quando é apresentada uma peça de teatro para Teseu, Quince entra em cena como prólogo e enuncia tão mal seu texto, que Teseu comenta com Lisandro que o sujeito não “faz muito caso da pontuação”. A primeira função dos sinais de pontuação na escrita foi orientar quem o lesse/recitasse em voz alta, mas ela não se manteve ao longo da história.

Dialético, Adorno faz um paralelo esclarecedor entre música e linguagem. Para o filósofo, tanto a notação musical como o texto escrito demandam interpretação. Contudo, interpretar música significa fazer música, enquanto interpretar linguagem significa decodificá-la.

Os sinais de pontuação na partitura organizam para o músico os silêncios, marcam o início e o fim de partes que integram a obra e determinam a velocidade e a intensidade com que as notas devem ser executadas. A diferença é que a notação musical pretende guiar o instrumentista a *performar* uma peça musical, enquanto o texto escrito não necessariamente instrui o leitor a ler o texto em voz alta. Há séculos, a leitura, que antes era pública, passou a ser predominantemente silenciosa e individual. Ao leitor do livro, basta decodificar as palavras anotadas no espaço da página, não é preciso traduzi-las em som. Já o instrumentista transforma o código anotado no espaço da folha de papel em som – que se ordena no tempo. É possível que alguns autores queiram impor um certo ritmo de leitura ao seu texto, mas não entendemos que marcar pausas e melodias seja função dos sinais de pontuação.

O texto escrito precisa ser legível (não necessariamente executável). Os sinais de pontuação foram criados para fornecer legibilidade ao texto, estruturando-o sem que a atenção do leitor seja distraída pela sua presença. Com a massificação do texto escrito – o surgimento da imprensa de tipos móveis de Gutenberg no século XV, associado ao acesso (quase) universal à educação –, a padronização dos textos pelos profissionais do livro (preparadores de originais, revisores, editores, tipógra-

fos) se tornou a tarefa das casas editoriais. Os sinais de pontuação foram convencionalizados pelos profissionais do livro como operadores textuais e evoluíram no tempo conservador da escrita.

Se todos concordassem, poderíamos até mesmo inventar novos sinais de pontuação a partir dos pontos e traços básicos (invertendo a orientação lateral da vírgula, por exemplo, adicionando um ponto aos dois-pontos etc.). Paralelos aos neologismos em linguagem, estes seriam novos sinais aos quais as pessoas poderiam aderir na escrita, mas seria preciso que seu uso fosse aceito pela comunidade de leitores e escreventes. Ao longo da história, foram feitas propostas de sinais alternativos, alguns até mesmo patenteados, mas eles não ultrapassaram o limiar da coleção de sinais não padrão (conferir indicações de leitura ao final do livro).

Por outro lado, há casos em que sinais de pontuação existentes são ressignificados por uma pequena comunidade (lembramos do asterisco). Exemplo disso são os sinais de pontuação usados em transcrições de fala, em que parênteses marcam trechos ininteligíveis no áudio; barras marcam truncamentos na fala; dois-pontos marcam alongamentos de sons; reticências marcam pausas no fluxo enunciativo. Como se vê, na comunidade de linguistas, alguns sinais foram convencionalizados de maneiras paralelas. Há muitos outros exemplos

esparços: indicações de fontes bíblicas se dão com o recurso de vírgula e dois-pontos: Livro, capítulo: versículo. Minutos e segundos são marcados através de aspas simples e duplas. Datas são anotadas entre pontos ou barras, o local e a data de assinatura de documentos são separados por vírgula. A vírgula também organiza as informações contidas em endereços postais. Os primeiros *emoticons* foram desenhados a partir de sinais de pontuação ;)

A ordem de apresentação dos 11 sinais de pontuação propõe uma lógica de funcionamento descrita por dois linguistas (Nunberg e Dahlet) que se debruçaram sobre o sistema dos sinais de pontuação. Poucos linguistas até hoje descreveram os sinais de pontuação como subsistema do sistema da escrita. Destaco Geoffrey Nunberg, que, em 1990, defendeu sua tese sobre sinais de pontuação; Iúta Lerche Vieira Rocha, que, num artigo de 1997, apresenta um valioso panorama histórico do sistema de pontuação; e, por fim, Véronique Dahlet, que é quem mais se aproximou de formalizar teoricamente em língua portuguesa o sistema dos sinais de pontuação.

Para Nunberg, os sinais de pontuação exercem três funções básicas:

- (i) separar dois elementos do mesmo tipo;
- (ii) delimitar unidades linguísticas;
- (iii) distinguir uma unidade do seu entorno.

As funções (i) e (ii) correspondem à primeira classe de sinais de pontuação postulada por Dahlet: *segmentadores*; e a função descrita em (iii) aproxima-se do que essa autora chama de *sinais enunciativos*. Na tentativa de mesclar essas duas abordagens teóricas, apresentamos alínea, ponto, ponto e vírgula, vírgula, dois-pontos e parênteses na função de separar e delimitar. Em outro bloco, com a função de marcar posturas discursivas, seguem ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências. Por fim, exercendo a função de marcar as vozes do texto, aspas e travessão são os últimos capítulos.

A terceira linguista mencionada acima, Vieira Rocha, aponta para a grande flutuação no uso dos sinais de pontuação. Não é à toa que é na literatura – em que é preciso diferenciar a narração dos diálogos – que aumenta a variedade de usos de sinais de pontuação e de experimentações com eles, e que os sinais de pontuação se tornam marcas de estilo de certos autores. José Saramago é lembrado por suas frases longas em parágrafos enormes, enquanto outro português, valter hugo mãe, que não usa maiúsculas nem no próprio nome, somente recorre ao ponto e à vírgula, de modo que perguntas, diálogos etc. precisam ser interpretados pelo leitor com base no contexto.

A flexibilidade dos sinais de pontuação se deve ao fato de operarem tanto no eixo paradigmático